

REFLEXO E MEMÓRIA DO GOLPE DE 1964

ENILDO XAVIER CARNEIRO PESSOA

Resumo: Trata este artigo de uma reflexão sobre o Golpe de 1964, a partir de considerações sobre as principais potências do século XX, que se colocavam de maneira bipolar entre o capitalismo e o socialismo. Na seqüência, dois blocos políticos, mais ou menos alinhados a esta bipolaridade disputavam a hegemonia política no Brasil.

Abstract: This article discusses 1964's Coup from the point of view of twentieth century's main powers, which situated themselves in a bipolar manner between capitalism and socialism. Two political alliances, more or less attuned to this bipolarity, struggled for political hegemony in Brazil.

Pensemos no tema deste trabalho tomando como ponto de partida a Humanidade no momento histórico atual, numa perspectiva de futuro. Veremos que é possível admitir a possibilidade de conquista da revolução mais importante da família humana: passagem, de forma consciente, do “reino da necessidade para o reino da liberdade”. Numa ordem inversa da História (Marx), isso significa reconhecer que pode acontecer, nos dias atuais, a realização de nova sociedade que tenha por fundamento a prioridade do ser humano na vida social.

É o que concluimos com base na realidade que hoje vive a família humana: pelo lado material, o que se produz e a capacidade instalada permitem que todos tenham atendidas às suas necessidades essenciais,

ou seja, que possam viver de forma digna; pelo lado espiritual, as circunstâncias tornam possível, cada vez mais, que o ser humano tome consciência da sua condição de ser social. Ainda mais, o avanço da ciência e sua metamorfose técnica acontecem de forma crescente, criando facilidades à realização dessas idéias. Tenha-se em conta, também, que o sistema capitalista, apesar da revolução levada a efeito na História da família humana, não tem condições de eliminar as crises que decorrem do seu funcionamento, embora possa evitar o surgimento de um novo 1929. As dúvidas e incertezas decorem da permanente busca da consecução do objetivo maior do sistema, dos meios utilizados e da colocação em prática dos meios.

Quando refletimos sobre as lutas políticas que tinham como referencial as características dessa nova sociedade, lembramo-nos de três fatos históricos. O primeiro foi a Conspiração dos Iguais, movimento ocorrido na Revolução Francesa, em 1796, sob a liderança de Babeuf e Buonarrot. Para Lefebvre, “o socialismo, até então utopia literária entrou na história política” (1966). O segundo, considerado por alguns autores como “a primeira revolução proletária do mundo” (Jvostov e Zubok), foi a “Comuna de Paris”, movimento revolucionário, ocorrido em 8 de março de 1871, que chegou a assumir o comando da capital francesa por 72 dias. Ambos tiveram papel histórico relevante, apesar da brutal repressão a que foram submetidos.

Sobre o primeiro fato, Hobsbaum ressalta: “... a história sem solução de continuidade do comunismo, enquanto movimento social moderno, tem início com as correntes de esquerda da Revolução Francesa. Uma direta linha descendente liga a ‘conspiração dos iguais’ de Babeuf, através de Felipe Buonarroti, às Associações Revolucionárias de Blanqui (Augusto, 1805 – 1881) dos anos 30, e essas, por sua vez, se ligam através da Liga dos Justos,... que depois se tornará Liga dos Comunistas – a Marx e Engels, que redigiram sob encomenda da Liga o Manifesto do Partido Comunista”(1983).

A importância da Comuna de Paris pode ser avaliada através dos dizeres da carta de Marx a Kugelmann, datada de 17 de abril de 1871: “a luta da classe operária contra a classe capitalista e seu domínio entrou em nova fase com a batalha de Paris. Sejam quais forem os resultados imediatos, um novo ponto de partida de importância mundial foi conquistado”.

Entretanto, somente após quase 50 anos da Comuna de Paris ocorre movimento revolucionário que iria exercer influência definitiva na vida da humanidade: a Revolução Bolchevique, em novembro de 1917, com a criação da URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas). Pode ser interpretada como ponto de inflexão da História da Humanidade, porque são criadas as condições para se pensar nas proposições do socialismo, de forma concreta e com viabilidade de realização. As lutas políticas ganham novas perspectivas, à medida que avança a contradição capital versus ser humano, já que as idéias sobre o socialismo se manifestam por efeito real.

Começa a surgir na vida da Humanidade nova realidade com o surgimento de sistema social que se opõe ao capitalismo. A lei absoluta da busca incessante do lucro passa a coexistir com outro pólo, que tem como referencial básico o pensamento de Marx, expresso na “Crítica del Programa de Gotha”: de cada qual, segundo sua capacidade; a cada qual, segundo suas necessidades”. O desenvolvimento dessa contradição teria, de ocorrer, necessariamente, em função dos meios e da sua colocação em prática, sempre observando-se a coerência desses elementos com os objetivos.

Do ponto de vista do pólo capitalista, as ações, num primeiro momento, foram orientadas no sentido da recuperação do sistema derrotado pela Revolução. Sem ter sucesso, tentou impor o isolamento ao novo Estado: os Estados Unidos da América levaram cerca de 15 anos para reconhecer a União Soviética. O mais importante: a oposição que surge, com a existência real do socialismo, não chega a constituir contradição principal, nos momentos iniciais. Esse nível maior, decisivo para a vida social, ainda ocorria entre os grupos que compunham o mundo capitalista, chegando a ter como consequência a Segunda Guerra Mundial. Somente após esse conflito, as contradições entre socialismo e capitalismo assumem o caráter principal, em nível universal, no encaminhamento da vida social, com evidente influência no nível local, seguindo, aliás, numa visão sistêmica, relação dialética entre a parte e o todo.

Pelo lado da União Soviética, e para corresponder à necessária coerência entre objetivos, meios e colocação em prática desses meios, eram imprescindíveis procedimentos diferentes, em sua essência, dos

processos utilizados pelo mundo capitalista, relacionados a infraestrutura econômica - social e às superestruturas política e ideológica.

Quando temos em vista o tema desse trabalho, seguindo a ordem inversa proposta no parágrafo inicial, é importante refletir sobre as superestruturas política e ideológica, principalmente em razão da influência exercida nas realidades locais. Consideremos esse aspecto, tomando como referencial as teses apresentadas pela Terceira Internacional, (instituição formada pela Revolução, com a função de orientar o movimento comunista internacional), no período que vai até o seu VII congresso, em 1935, quando é aprovado o celebre informe de Dimitrov, propondo novas orientações, em razão da crescente influência do nazismo e do fascismo.

A questão básica referia-se a adoção, pelos Partidos Comunistas, das características relacionadas com a organização partidária que liderou as lutas políticas da Revolução vitoriosa. É o que os historiadores denominam “bolchevização dos Partidos Comunistas”, conceituada no V Congresso da Internacional (1924) por Zinoviev: a bolchevização é a assimilação, por parte dos partidos, do bolchevismo; é a firme vontade de lutar pela hegemonia do proletariado; é a criação de uma organização, monolítica e fortemente centralizada; é marxismo em ação; é dedicação à idéia da ditadura do proletariado, à idéia do leninismo.

A respeito dessa posição adotada pela Terceira Internacional, é interessante o seguinte pensamento de Hobsbawm: “o modelo de Lênin do *Partido de Vanguarda*, um quadro singularmente eficiente e disciplinado de revolucionários profissionais, preparados para executar as tarefas a eles destinadas por uma liderança central, era potencialmente autoritário, como inúmeros marxistas russos igualmente revolucionários haviam indicado” (1997). Esse ponto de vista é adotado, também, por Rosa Luxemburgo em trabalho publicado em 1904, sob o título “Questões de organização da social democracia-russa”, tomando como referencial o texto de Lênin “Um passo à frente, dois passos atrás”. Não é por acaso a existência de Estado, tendo como referência o “culto a Stalin”. Para Hobsbawm, “o centralismo democrático” que governava em teoria tornou-se simplesmente centralismo”.

Essa orientação modifica-se, de forma significativa, diante da nova realidade com avanço das potências que formavam o Eixo: as alianças avançam da forma de frente popular para frente nacional, incluindo todos

os que consideravam o nazismo e o fascismo o principal inimigo, mesmo os que assumiam posição ideológica anticomunista. Em última análise, isso significa admitir diferenças entre “a ditadura terrorista descarada dos elementos mais reacionários, mais chauvinistas...” (informe de Dimitrov) e as liberdades democráticas dos sistemas capitalistas.

A guerra contra o Eixo ocorre, tendo o Exército Vermelho exercido papel definitivo para a vitória dos aliados, frente liderada pela Inglaterra, URSS e EUA. As reações do exército soviético, primeiro quando forçou o recuo do exército alemão situado às portas de Moscou e, depois, com a vitória de Stalingrado, podem ser consideradas decisivas para essa vitória. Conforme Hobsbawm, “De Stalingrado em diante, todo mundo sabia que a derrota da Alemanha era só uma questão de tempo”(p.47).

Os aliados foram vencedores e a URSS ampliou, de forma significativa, as fronteiras do socialismo. Na região europeia, esse avanço ocorreu com a Polônia, Tchecoslováquia, Hungria, Iugoslávia, Romênia, Bulgária, Albânia e parte da Alemanha. Também, teve de volta territórios perdidos com a Primeira Guerra e com a Revolução Bolchevique, além do avanço, com a vitória do socialismo, em outras regiões, tais como: China, Coreia do Norte, Vietnã, Laos, Camboja, Cuba e parte da África. De acordo com Hobsbawm, esses Estados “eram controlados por partidos comunistas formados ou modelados nos moldes soviéticos, ou seja, stalinistas”.

Tem-se idéia desse crescimento, quando se compara a variação de alguns indicadores: a área socialista passou de 17% para 26% do território do globo terrestre; a população aumentou de, aproximadamente, 9% para 35% dos habitantes; a produção industrial aumentou de 7% para 30% do total mundial.

É diante dessa realidade que a situação bipolar, definida em função das duas potências líderes dos blocos capitalista e socialista, ou seja, dos EUA e da URSS, transforma-se em contradição principal, condicionando o mundo aos interesses políticos respectivos. Os pontos de vista eram considerados inconciliáveis: as divergências tinham por fundamento o avanço de sistema que pretendia constituir alternativa para o modo de produção capitalista. Ocorre, então, o período histórico denominado Guerra Fria, que passaria a dominar o cenário mundial correspondente à segunda metade do século passado; as coisas tendiam a acontecer de acordo com jogo orientado pela seguinte regra: o vencedor

ganha tudo e o perdedor perde tudo. Mesmo assim, as duas partes reconheciam a predominância de cada uma em determinadas regiões e as crises eram encaminhadas e contornadas sem o perigo de guerra iminente.

O período da Guerra Fria foi um dos mais importantes para a vida da Humanidade, criando condições para existência de realidade diferente, em sua essência, de tudo que ocorreu no passado. Pela primeira vez a Humanidade contava com a presença concreta de sistema econômico – social que tinha por fundamento a prioridade do ser humano, pelo menos em nível de intenção; a idolatria da riqueza, questão fundamental do capitalismo, deixaria de ser a base para o avanço da família humana. O mundo fica polarizado, ocorrendo a unidade de cada qual, até mesmo com o uso da força, já que a própria existência assim exigia. A economia, que sempre exerceu papel dominante na sociedade, vive momento marcante, denominado “Era de Ouro”, que vai do início da década de 50 até os primeiros anos da década de 70. O que aconteceu nesse momento pode ser considerado ponto de inflexão da História da Humanidade, pela sua contribuição, sem retorno, do processo de universalização da família humana. As palavras seguintes de Hobsbawm permitem ver a importância da “Era de Ouro”: “É possível que no terceiro milênio os historiadores do século XX situem o grande impacto do século na história como sendo o desse espantoso período e de seus resultados. Porque as mudanças dele decorrentes para todo o planeta foram tão profundas quanto irreversíveis” (1997). A partir do início dos anos 70 o mundo capitalista, em decorrência das suas próprias características, começa a ser afetado por crises, que se prolongam, mais ou menos, até os dias atuais

O Brasil, participando da região sob o predomínio do mundo capitalista, estava inserido nesse contexto e, da mesma forma que as unidades componentes do universo relativo à família humana, tinha a sua vida social fortemente influenciada pela contradição principal que decorria dos pólos socialismo versus capitalismo. Como reflexo das características dessa totalidade, observava-se, claramente, dois blocos políticos: de um lado, os grupos que defendiam a tese da necessidade histórica de reformas de base, para encaminhamento da vida social do país, visando uma nova sociedade que tendesse a ter por fundamento a prioridade do ser humano, ou seja, os que lutavam pela transformação

da sociedade brasileira; do outro, os conservadores, assim chamados por defenderem a manutenção do sistema vigente, isto é, a primazia expressa na busca incessante do lucro. Diante dessas circunstâncias, a evolução das lutas política tendia, de forma crescente, para o acirramento, principalmente porque se admitia o caráter inconciliável das concepções que orientavam os dois lados.

Consideremos o primeiro bloco. Apesar da unidade de pensamento, no que diz respeito à necessidade de transformação, havia, claramente, divergências sobre os meios e sua colocação em prática. As hipóteses iam desde a possibilidade de transformação paulatina até a necessidade de revolução violenta, tendo-se o exemplo de Cuba como referencial importante. As lutas políticas tendiam a acirrar as contradições: inicialmente com a posse de Jango na Presidência da República, em razão da sua ligação com os trabalhadores; depois, com procedimentos às vezes realçando a revolução violenta, mas tudo demonstrando o firme propósito da conquista das Reformas de Base. Alguns acontecimentos tendiam, claramente, para acirrar as contradições como, por exemplo: o movimento de militares em Brasília, ocupando prédios públicos, sem punições; o Comício da Central em março de 1964, onde aconteceu a assinatura de decreto desapropriando áreas situadas junto às rodovias; manifestação militar no Sindicato dos Metalúrgicos, que havia sido proibida; a presença do Presidente Jango na reunião de militares no Clube dos Sargentos, na Guanabara. Em várias ocasiões acontece a quebra da hierarquia militar, constituindo motivo de ampliação das contradições políticas.

Os conservadores, promovendo intensa campanha anticomunista, tendiam a uma reação, inclusive com violência, diante do acirramento das contradições. O golpe de 1964 constitui o nível máximo dessa reação e mostra, em razão da extrema rapidez como obteve sucesso, que a correlação de forças entre os dois blocos, quando temos em vista processo violento no encaminhamento da vida política, era totalmente favorável aos objetivos do segundo bloco, não precisando de apoio material dos EUA, do ponto de vista militar, para efetivar suas pretensões.

Inicia-se período nunca visto da história política do Brasil: a reação atinge a todos que compunha o primeiro bloco, mesmo os que admitiam a transformação com base em processo em longo prazo, com intransigente

defesa das regras democráticas; além disso, respinga sobre políticos que não tinham, até então, participado das lutas políticas visando as Reformas de Base.

Vencer a ditadura militar passa a constituir referencial básico do bloco que sempre lutou pela transformação da sociedade brasileira. Mais uma vez, as divergências acontecem nos meios a serem utilizados e na sua colocação em prática: de um lado, os que defendiam a tese de luta política legal, visando alcançar as liberdades democráticas; de outro, os que seguiam, mais ou menos, a tese da Terceira Internacional, assumindo argumentos e ações práticas favoráveis à luta armada.

Apesar das inúmeras cruzes deixadas no caminho, lembrando vidas dedicadas à conquista da libertação humana, as ações visando o avanço paulatino conquistam significativos resultados, com vitórias expressivas no processo eleitoral, tendo por base frente ampla reunindo os diversos pontos de vista ideológicos, principalmente os que sempre lutaram pela transformação processual da sociedade brasileira.

A família humana do país passa a viver nova realidade, agora inserida em contexto universal, diferente de tudo o que ocorreu no passado. Primeiro, pela influência decisiva da internacionalização da vida social, em todos os seus aspectos básicos; segundo, em razão da queda da URSS, parecendo para muitos que a utopia deixava de existir, a ponto de admitir ponto de vista afirmando o término da História. Esquecem a própria tendência da História no sentido da libertação humana e, ainda mais, que o objetivo visando a conquista de nova sociedade, tendo por fundamento a prioridade do ser humano na vida social, é necessidade histórica, diante da própria realidade que vive o mundo e o Brasil. A derrocada da União Soviética é explicada pela incoerência entre os objetivos da Revolução, os meios e colocação em prática dos meios, e não pela impossibilidade de sistema baseado na primazia do ser humano.

A realidade que surge em nível universal tende a avançar com base em novos Princípios, influenciando, de forma decisiva, na vida das unidades componentes da família humana, em particular em nosso país. Além de outros referenciais, é possível ressaltar: a crescente adoção do diálogo no encaminhamento dos interesses divergentes; o significativo avanço da força de trabalho nas relações de produção correspondentes ao

capitalismo; a presença da democracia, sem retorno, na vida política das nações; o avanço do processo de conscientização do ser humano, no sentido de reconhecer a sua condição de ser social; enfim, a progressiva presença de germes da nova sociedade, que terá por fundamento a prioridade do ser humano na vida social.

Parece, também, possível afirmar que a conquista da nova sociedade não pode ir adiante sem ter presente, em todo o tempo, o pensamento de Rosa Luxemburgo, quando se refere às restrições feitas à liberdade, no momento inicial da vitória dos bolcheviques: “liberdade somente para os partidários do governo, somente para os membros de um partido – por mais numerosos que sejam – não é liberdade. Liberdade é sempre a liberdade daquele que pensa de modo diferente. Não por fanatismo da *justiça*, mas porque tudo quanto há de vivificante, de salutar, de purificante na liberdade política depende desse caráter essencial e deixa de ser eficaz quando a *liberdade* se torna um privilégio”.

De que maneira imaginar o “reino da liberdade” sem liberdade? A conquista de nova sociedade, tendo por fundamento a prioridade do ser humano na vida social, facilitada pelo nível de riqueza alcançado pela Humanidade, somente pode ser efetivada através de lutas políticas seguindo as práticas das liberdades democráticas. É o que nos ensina a História recente, em particular a Guerra Fria e a longa noite vivida pelo Brasil no regime militar.